

Índice

	5	
	Editorial	
Impossível esquecer Abril neste nosso século		<i>Sérgio Niza</i>
	7	
○ MEM na construção da identidade docente: expectativas, dilemas e desafios		<i>Susana Barbosa</i>
	29	
Escrever em movimento... um relato, dois percursos		<i>Conceição Fernandes, Margarida Rocha e Noémia Peres</i>
	35	
○ Brincar na Creche		<i>Luísa Barbeito, Mafalda Napierala, Mafalda Pereira e Marta Botelho</i>
	41	
Em torno do Tempo de Estudo Autónomo		<i>Tânia Correia</i>
	48	
Uma cultura democrática em creche		<i>Tânia Barriga</i>
	57	
A cooperação no movimento numa sala de pré-escolar		<i>Manuela Guedes e Mara Brito</i>
	68	
○ desafio de organizar o cenário pedagógico		<i>Conceição Fernandes</i>
	78	
○ trabalho de aprendizagem curricular por projetos cooperativos no 1.º Ciclo		<i>Luís Mestre</i>
	86	
Desenvolvimento da regulação e autorregulação das aprendizagens curriculares, nos tempos de estudo autónomo		<i>Catarina França</i>

	98	
O desenvolvimento da cooperação numa comunidade de aprendizagem		<i>Diana Fernandes e Marta Louseiro</i>
	115	
Um percurso na revisão da escrita		<i>Maria João Lourenço</i>
	123	
Trabalho de aprendizagem curricular a partir de situações emergentes da turma		<i>Helena Moreira e Paula Figueiredo</i>
	130	
Momentos de interação e aprendizagem		<i>Bárbara Giraldes</i>
	137	
Acolher e integrar a partir de percursos de trabalho nas aulas de Português Língua Não Materna		<i>Elsa Marques Afonso</i>
	149	
Interlocação coletiva em matemática: a rotina problema da semana		<i>Helena Galvão</i>

Editorial

Impossível esquecer Abril neste nosso século

Sérgio Niza

Ao Francisco Marcelino*

Dois motivos nos movem para, ao mesmo tempo, celebrarmos o libertador Abril de 1974 e o lançamento da Revista Escola Moderna, privilegiado instrumento de intervenção democrática e de formação docente.

É certo que entre junho de 1974 e 1976 tomou a forma de um boletim informativo em busca de uma definição mais consistente.

No plano político, ao longo do ano de 1976, define-se melhor a organização do Estado e é finalmente promulgada a Constituição Portuguesa que passará a reger a vida em democracia. É também o ano em que o Movimento da Escola Moderna (MEM) decide assumir a sua identidade jurídica, mais confiantes, então, na proteção dos nossos direitos.

Tínhamos fundado, em ditadura, os alicerces da nossa organização cooperada, com rigorosa disciplina, desde 1966 até ao movimento revolucionário propiciado pelo golpe de estado das forças armadas. Podíamos finalmente, pôr ao serviço dos professores, e as práticas, os saberes que fomos consolidando ao longo dessa primeira década de intervenção para a mudança da educação escolar.

No primeiro número do boletim, como ensaio da revista a que aspirávamos, em junho de 1974 apelava-se:

“Para o melhorar [o boletim] precisamos da tua colaboração: para enriquecer a vida do nosso grupo precisamos da tua presença e do teu trabalho.

* Francisco Marcelino tem sido o pilar central da Revista Escola Moderna.

Aparece, telefona, escreve, conta-nos as tuas experiências. Participa.”

Era um primeiro passo.

Através da revista pudemos, finalmente, dar visibilidade aos relatos de práticas educativas e de formação e pesquisa de professores, práticas a que temos reservado um lugar central na escrita da profissão e na construção da profissionalidade docente.

Nela temos dado destaque a personalidades inspiradoras da nossa ação pedagógica e de cidadania democrática, Rui Grácio, João dos Santos, António Sérgio, Fernand Oury, António Nóvoa, Celestin Freinet e também aos investigadores e teóricos que nos ajudaram a estabelecer a rutura epistemológica com as ideias e as técnicas de Freinet que nos apoiaram no início da caminhada.

Confrontámo-nos a partir dos anos 80 com o estudo das perspetivas socioculturais pós vigotkianas e da antropologia e psicologia cultural, com especial relevo para Jerome Bruner.

Também na Escola Moderna fomos dando conta de dissertações e livros dos nossos companheiros do MEM como forma de estímulo académico para os demais.

A partir dos textos editoriais fui aproveitando para antecipar novas perspetivas que desafiassem os companheiros entusiasmados pelo trabalho pedagógico que tinham entre mãos. Fui também partilhando os estudos em que me envolvi por inspiração dos passos ainda tímidos de um ou outro e dos impasses que nos surpreendem no dia a dia da profissão.

Assim nos fomos desafiando para a construção de conhecimento no que ainda permanece invisível nas nossas práticas que faremos emergir em cada novo dia pelo nosso esforço de teorização.

Aquilo que designamos por sintaxe do modelo pedagógico que vimos construindo foi motivador da mais numerosa produção de textos editoriais em que se procura o aprofundamento de cada um dos seus módulos. Cuidámos ainda de fazer avançar os alicerces do nosso trabalho pedagógico com reflexões sobre os três princípios geradores: a cooperação solidária, a comunicação dialógica e a interação democrática.

À revista foram, entretanto, acrescentando-se outros textos sob forma de entrevistas, conferências ou de algumas intervenções, a pedido dos Núcleos Regionais, que constituem expansões conectadas com alguns dos editoriais que aqui venho evocando.

Com efeito, numa viagem regressiva aos textos de cinquenta anos da revista sobressai a redundância de temas e de dissertações críticas. A isso, porém, não poderíamos fugir: a complexidade pede reiteração, no esforço de se chegar a uma compreensão partilhada.

Gostaria, entretanto, de recordar dois editoriais comemorativos do nosso inesquecível Abril. O de 1999 com o título “Impossível esquecer Abril”, para sinalizar os 25 anos de abril de 1974 e que podemos recordar:

Os 25 anos de Abril que este ano celebramos foram um privilégio da nossa militância pela ação educativa, enquanto bem maior da ação política e das nossas vidas, assim vividas em fraternal movimento de profissionais educadores.

Quantos, ao longo da História, terão podido, tal como nós, partilhar com tanta determinação este propósito de construir a profissão construindo a cidadania; construir a escola construindo a democracia; instituir-se como quem, criticamente, se interroga e se confia, na busca dialógica do contrato social a que chamamos Contrato Educativo. Aprendemos a fazê-lo em Abril por que ansiámos muito.

No ano de 2004, já no século que corre, festejámos o 30º aniversário de Abril no âmbito da Semana da Educação que o Presidente da República Jorge Sampaio promoveu. Numa cerimónia solene que teve lugar no Porto, onde Inácia Santana, presidente da direção do MEM, rodeada de muitos de nós, recebeu das mãos do Presidente da República as insígnias de Membro Honorário da Ordem da Instru-

ção Pública com que quis distinguir o Movimento.

Vale a pena recordar o texto com que então o Presidente nos honrou:

O Movimento da Escola Moderna é o mais importante movimento pedagógico de professores que existe atualmente em Portugal. Nas últimas décadas, os seus membros têm desenvolvido uma atividade notável na formação de professores e na produção de práticas pedagógicas que visam uma escola de qualidade para todos. Através desta condecoração, pretendemos manifestar o nosso reconhecimento pelo trabalho de muito mérito que os seus membros têm realizado em todo o país.

Revigora-nos hoje, lembrar tal gesto e tais palavras.

Muita coisa mudou no sistema escolar ao longo destes cinquenta anos.

As escolas e a escolarização obrigatória expandiram-se consideravelmente até ao ensino secundário ou aos dezoito anos de idade. Mas as escolas agruparam-se e perderam identidade.

Atingimos, entretanto, posições médias nas respostas às provas internacionais. Deixámos de queixar-nos do nosso tradicional atraso. Estamos hoje mais bem treinados.

Está a vencer a docimocracia, como dizia Rui Grácio, isto é, está mais firmado o cerco dos exames a conduzirem a ação pedagógica nas escolas.

Estamos a perder a educação, a socialização democrática.

Entretanto, o estado de crise que vem assolando as democracias, um pouco por todo o mundo, tem feito reviver e recriar formas várias de educação escolar manifestadas através da moda quer do ensino doméstico em famílias endinheiradas, quer de formas espiritualistas de educação escolar com raízes no século XIX. Avançam as redes de mercado na educação em apelativa e acelerada difusão.

O estado de atomização e desmembramento da escola pública impõe que nos mobilizemos por uma escola decente, eticamente responsável e respeitadora dos valores e dos direitos humanos conquistados.

É o tempo de aperfeiçoar o espírito crítico e de fazer brilhar a lucidez e a justiça solidária. Urge erguer e defender uma educação democrática para dar força à Democracia.